

As Palavras Mágicas

A casa da avó Ju era a sua casa. Era a casa do sapinho Pingue-Pongue. Andava por todo o lado. Saltaricava do sofá para o chão, do chão para a mesa, da mesa outra vez para o chão, ia até à cozinha, pulava para o lava-loiça, espreitava o tacho da comida e até dormia na cama da avó Ju. Foi por isso que a avó lhe deu este nome, porque lhe fazia lembrar uma bolinha saltitante do jogo do pingue-pongue.

Para além do sapo, a casa da vovó Ju também era animada pelas suas netas que desde pequeninas passavam grande parte do dia lá em casa. Eram a Nicas e a Nocas, e agora já eram suficientemente crescidas para perceberem tudo e falarem com toda a facilidade. Adoravam brincar com o Pingue-Pongue. Ele sabia brincar às escondidas como ninguém. Pequeno como era e saltando tão facilmente, o sapinho conseguia esconder-se muito depressa e em sítios difíceis de encontrar. Era tão engraçado, e quando estavam os três juntos a brincar, parecia mesmo que o sapo Pingue-Pongue percebia o que as meninas diziam e que fazia até o que elas lhe pediam.

Certo dia, estavam as meninas na cozinha a comer a merenda que a avó Ju lhes tinha preparado, quando a Nocas disse pensativa:

“Ó Nicas, reparaste que avó de vez em quando fica um bocadinho triste? Ainda agora, depois de lhe pedirmos o lanche, não se sentou aqui connosco como dantes fazia.”

“Pois não”, disse a Nicas abanando a cabeça. “Deu-nos as sandes e o sumo e foi-se embora...”

“Ainda ontem quando fomos passear, parecia que não tinha muita vontade em nos dar os gelados quando lhe pedimos, pois não?” lembrou-se a Nocas.

Enquanto as duas conversavam sobre o assunto, o amiguinho sapo seguia a conversa muito atento sentado ao fundo da mesa, olhando ora para uma ora para a outra, como se entendesse tudo o que diziam. Quando finalmente a Nicas e a Nocas se calaram entretidas a comer o seu pão, ficou a cozinha em silêncio. E de repente, uma voz muito estranha, ouviu-se baixinho:

“A culpa é vossa!”

As meninas levantaram a cabeça assustadas, olharam primeiro uma para a outra com os olhos muito abertos e depois para todos os lados à procura da pessoa que tinha acabado de falar. Como não viram ninguém, perguntou a Nicas:

“O que foi isto?”

A Nocas apenas encolheu os ombros um pouco assustada.

“Fui eu!”, ouviram outra vez. E viraram-se para o fundo da mesa donde veio aquela voz, onde estava sentado o sapinho Pingue-Pongue. Claro que não quiseram acreditar que fosse o sapo a falar, mas logo arregalaram mais os olhos quando o seu amigo abriu a boca e falou mesmo.

“Já sei, já sei que não vão acreditar que eu falo, mas falo mesmo!” disse o sapo.

“Co...co...como é que pode ser?” gaguejou a Nicas.

“Pode, pode!” voltou a dizer o sapo, “Pois saibam que sou um sapo mágico e como eu há mais alguns por esse mundo fora. Podemos falar e compreender tudo o que vocês dizem. Mas só em casos muito especiais é que falamos.”

“Ai sim? E então porque é que falaste connosco desta vez? Somos assim tão especiais?” perguntou a Nocas já habituada à ideia de ter um sapo falante ali mesmo ao lado.

“Vocês não são especiais só para mim, mas são especiais sobretudo para a vossa vovó Ju! E ela anda triste por vossa causa...”

“Por nossa causa?” perguntaram as duas meninas ao mesmo tempo, admiradas.

“Sim, é verdade. Prestem atenção ao que vou dizer. É uma coisa muito importante que vocês devem saber enquanto são pequeninas e que devem usar todos os dias. Agora e quando crescerem. Sempre!” As meninas chegaram-se mais para perto do Pingue-Pongue e este continuou. “Tal como há alguns sapos mágicos, também existem algumas palavras mágicas que todos devem conhecer e dizer. Sabem quais são?”

Nicas e Nocas abanaram a cabeça para dizer que não sabiam. E o sapinho voltou a falar:

“Pois não sabem. Umas dessas palavras são ‘*se faz favor*’. Devem dizer sempre ‘*se faz favor*’ quando pedirem alguma coisa a alguém. E uma outra palavra é ‘*obrigada*’. Também devem dizer sempre ‘*obrigada*’ quando alguém vos dá alguma coisa. Ora pensem lá agora quantas vezes disseram estas palavras à vossa querida vovó Ju...”

As meninas ficaram a pensar até que uma delas disse com voz triste:

“Nunca...”

“Então estão a ver”, voltou o sapo. “Já percebem porque a vossa avó fica triste de cada vez que vocês pedem alguma coisa e também quando ela vos dá. É porque não dizem as palavras mágicas. E se experimentarem dizê-las de agora em diante vão ver o que acontece.”

E assim as meninas passaram a dizer estas palavras-maravilha, não só para a sua avó mas também a todos com quem falavam. E sempre que pediam alguma coisa com *‘se faz favor’* e agradeciam quando a recebiam com *‘obrigada’*, as pessoas diziam logo: “Que meninas tão bem educadas!”

E vistas bem as coisas, até era uma vantagem porque sempre que pediam alguma coisa, quase sempre a recebiam. Sim, porque uma vez a Nocas pediu educadamente dez bonecas e acabou por receber só uma. Não podemos abusar...